



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

**O JOGO DO TEXTO: UMA REFLEXÃO SOBRE A INTRODUÇÃO DA OBRA
ADVENTO DA DICTADURA MILITAR NO BRAZIL, DE VISCONDE DE OURO
PRETO (1891)**

***THE PLAY OF THE TEXT: ABOUT THE INTRODUÇÃO OF BOOK ADVENTO DA
DICTADURA MILITAR NO BRAZIL, BY VISCONDE DE OURO PRETO (1891)***

Nárllel Dayane Advíncula-Miguel¹

RESUMO: Buscando compreender o livro *Advento da Dictadura Militar no Brazil*, escrito pelo Visconde de Ouro Preto em 1891, em especial, a sua *Introdução*, este artigo apresenta uma reflexão sobre o processo de leitura, apresentando a formulação de Iser (1979) sobre o “jogo do texto” como ponto de partida. Tendo em vista a estreita relação entre autor-texto-leitor e que o texto pode ser considerado um jogo, quais regras percebemos no jogo textual apresentado pelo Visconde na *Introdução* de seu livro? Como ele busca guiar seu leitor? Como ele institui essas regras que servirão para a produção de sentido de seu texto? Orientados por essas questões, percebemos que o Visconde realiza uma proposta de sentido de seu texto que só se completa com a participação de seu leitor-concidadão, o qual é convidado a interpretar, à maneira do Visconde, os eventos apresentados por ele. O objetivo é produzir os efeitos de sentido que ele deseja, isto é, que o seu leitor-concidadão acredite na veracidade de suas palavras acerca da Proclamação da República no Brasil, em 15 de novembro de 1889.

Palavras-chave: leitura; o jogo do texto; Visconde de Ouro Preto.

ABSTRACT: Trying to understand the book *Advento da Dictadura Militar no Brazil*., written by the Visconde de Ouro Preto, in 1891, in particular its *Introdução*, this paper presents a reflection on the reading process, presenting the formulation of Iser (1979) on “the play of the text” as a starting point. Given the close relationship between author-text-reader and the text can be considered a play, which rules in the play perceive textual presented by Visconde in the *Introdução* to his book? As he seeks to guide your reader? As he establishes the rules that serve to produce the sense of your text? Guided by these questions, we realize that the Viscount performs a proposed direction of your text is complete only with the participation of your reader-fellow citizen, which is invited to play in the manner of the Visconde, the events presented by him. The goal is to produce the sense of what he wants, that is, that their reader-fellow citizen believe in the veracity of his words about the Proclamation of the Republic in Brazil, on November 15th, 1889.

¹ Nárllel Dayane Advíncula-Miguel é mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil. narllenadvincula@yahoo.com.br



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

Key-words: reading; the play of the text; Visconde de Ouro Preto.

Introdução

Este artigo busca refletir sobre o processo de leitura a partir do “jogo do texto” formulado por Iser (1979) e sua contribuição para compreendermos o livro *Advento da Dictadura Militar no Brazil*, de Visconde de Ouro Preto (1891), em especial, a sua *Introdução*. A partir da leitura da *Introdução*, é possível perceber que o Visconde utiliza-se de estratégias, como inserir notas de rodapé e citações, que parecem marcar uma espécie de dados que procuram embasar sua escrita. Partindo da formulação de Iser (1979) sobre “o jogo do texto”, e com a contribuição de outros teóricos que escreveram sobre leitura procuraremos identificar e refletir sobre como o Visconde estabelece as regras para a leitura de seu texto. Tendo em vista a formulação de Iser (1979) de que a leitura é como um jogo e que possui regras, discutiremos as seguintes questões: como o Visconde se utiliza dessas regras para conduzir o seu leitor no processo de atribuição de sentido de seu texto? Se, segundo Iser (1979), o texto pode ser considerado um jogo, quais regras percebemos no jogo textual apresentado pelo Visconde na *Introdução* de seu livro? De que modo ele procura guiar seu leitor? Como ele institui essas regras que servirão para a produção de sentido de seu texto?

I Leitura: um jogo textual?

Desde criança, somos estimulados a sempre estar em contato com diversos tipos de jogos. Bolinhas de gude, futebol, pega-pega, queimada são alguns deles. O que importa é que em todos eles observamos sempre a figura do jogador envolto às regras que são criadas para que os adversários possam se enfrentar de modo justo. E qual o objetivo principal dessa interatividade? Alcançar a vitória, sendo ela fácil ou difícil, com ou sem obstáculos, sempre em um processo inédito de acontecimentos. Se considerarmos que estamos constantemente diante de jogos, não jogamos somente no plano dos esportes, mas o jogo também pode se fazer presente em nossas vidas em diferentes dimensões, com diferentes



formas de significação. Uma delas consiste na leitura e fundamenta-se no “jogo do texto” formulado por Iser (1979). Entretanto, antes de adentrarmos em sua formulação, convém considerar o que é leitura.

Dentre muitas concepções², a leitura, para Orlandi (2009, p. 47-48), é algo produzido e é “o momento privilegiado do processo de interação verbal: aqueles em que os interlocutores, ao se identificarem como interlocutores, desencadeiam o processo de significação”. Isso equivale a dizer que esses interlocutores são o autor e o leitor que se interagem nesse processo. Assim, a leitura estabelece uma relação de interação e o texto configura-se como um lugar de sentidos. Segundo Orlandi (2008, p. 57), é na leitura que o leitor reconhece os tipos de discurso e estabelece a importância de determinados elementos para a significação do texto, pois “há sempre *ação* por parte do leitor”. Iser (*apud* Eco, 1994) considera que o leitor faz o texto manifestar sua multiplicidade potencial de associações através do processo de leitura. Essa multiplicidade refere-se ao surgimento de todo um universo imaginário em que, de acordo com Maingueneau (1996), no processo de leitura caminhos inéditos vão sendo construídos, assim como em um jogo, para se alcançar o sentido do texto atribuído pelo leitor. Maingueneau (1996) concebe o texto como uma espécie de armadilha, cujo autor impõe a seu leitor certas convenções que o tornam legível. O que o leitor faz então, é entrar nesse jogo de modo a produzir, a partir dele, um efeito pragmático estabelecido, tornando a produção de sentido bem-sucedida. Mutuamente, “o leitor deve postular que o autor respeite um certo número de regras para poder decifrar” (MAINGUENEAU, 1996, p. 39) o sentido do texto.

É nessa dimensão do processo de leitura que se insere a formulação de Iser (1979) sobre o “jogo do texto”. Conforme já mencionado por Maingueneau (1996), existem

² Com relação aos vários conceitos de leitura, podemos citar Nunes (1999, p. 193) quando afirma que “a prática de leitura seria um adestramento reflexivo, um exercício de conhecimento do mundo, de nós mesmos dos outros.” Para Barthes (2004), a leitura não é um conceito, mas um conjunto de práticas difusas, desse modo, ler é uma técnica, uma prática social, uma forma de gestualidade, uma forma de sabedoria, um método e uma atividade voluntária. Barthes (2004, p. 200) diz que “a leitura é sempre um acto, um acto de produção de sentido: investe o texto, fá-lo dar sentido. O sentido é um valor, aquele de que a leitura investe o texto.” Marcuschi (2008, p. 228) ressalta que “ler é um ato de produção e apropriação de sentido que nunca é definitivo e completo. [...] Compreender o outro é uma aventura, e nesse terreno não há garantias absolutas ou completas.” Segundo, Mari & Mendes (2005, p. 155), “ler é, por assim dizer, uma atividade ampla e complexa que reúne um vasto arsenal de procedimentos, protocolos e ações que precisam ser desdobrados para que se tenha uma clareza maior de sua dimensão.”



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

regras quando estamos lendo. A relação estabelecida entre o autor, o texto e o leitor sempre produz algo novo. Iser (1979) propõe o conceito de jogo enquanto algo que recobre todas as operações emergentes no processo textual e considera que

Os autores jogam como os leitores e o texto é o campo do jogo. O próprio texto é o resultado de um ato intencional pelo qual um autor se refere e intervém em um mundo existente [...]. Assim, o texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim, a interpretá-lo. [...] Pois não importa que novas formas o leitor traz à vida: todas elas transgridem - e, daí, modificam - o mundo referencial contido no texto. (ISER, 1979, p. 107)

Esse duplo movimento de imaginação e interpretação conduz o leitor a visualizar as diversas maneiras possíveis do mundo identificável e, em consequência, o mundo repetido no texto passa a sofrer modificações. Desse modo, o resultado do jogo textual é justamente o significado e, aquele que ganha o jogo, alcança a vitória por estabelecer esse significado.

II E o jogo começa: a *Introdução*, de Visconde de Ouro Preto (1891)

Se Iser (1979) considera o texto um jogo e, portanto, possui regras, como refletir sobre essa dimensão na *Introdução* do livro *Advento da Dictadura Militar no Brasil*, escrito pelo Visconde de Ouro Preto (1891)?

Affonso Celso de Assis Figueiredo (Ouro Preto, 1836 - Petrópolis, 1912), o Visconde de Ouro Preto, foi um político monarquista que atuou mais de 30 anos da política brasileira, tendo presidido o último ministério de D. Pedro II, o Gabinete 7 de Junho de 1889. Exilado para a Europa, no dia em que a monarquia foi deposta, escreveu um manifesto intitulado *O Visconde de Ouro Preto aos seus concidadãos* e o publicou no jornal português *Commercio de Portugal* do dia 20 de dezembro de 1889. O objetivo de seu manifesto era narrar o que presenciou do período de sua atuação política até o momento em que foi deportado. Tendo em vista as respostas que esse manifesto suscitou no Brasil, decidiu, em 1891, publicar a obra *Advento da Dictadura Militar no Brasil*. Trata-se de um livro escrito de modo quase autobiográfico em que seu autor narra a sua versão dos acontecimentos acerca da



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

Proclamação da República no Brasil, em 15 de novembro de 1889. Integram o livro o manifesto intitulado *O Visconde de Ouro Preto aos seus concidadãos*, de 1889, incorporado de retificações, notas de rodapé e citações, bem como escritos de outros políticos em resposta a esse manifesto. Interessa-nos, entretanto, para este artigo, a *Introdução* composta de 10 partes distribuídas em 29 páginas, da referida obra. A seguir, faremos um breve comentário sobre cada uma dessas partes em relação ao jogo textual.

Na parte I, Visconde escreve o objetivo da obra a fim de corrigir os erros da primeira impressão do manifesto e incorporar ao mesmo algumas notas retiradas de documentos que teve conhecimento mais tarde, após os acontecimentos do 15 de novembro. Isto é, o Visconde propõe uma reescrita desse manifesto e adverte o seu leitor de que há algumas alterações em relação à primeira versão e que, portanto, sua leitura deve ser feita com atenção para essas observações. O objetivo, segundo o Visconde, é corrigir os erros da primeira impressão e incorporar ao manifesto notas extraídas de documentos que corroborem o que escreveu em 1889.

Viso duplo objectivo reproduzindo n'este volume o *Manifesto* publicado no Commercio de Portugal, acerca da sublevação militar de 15 de novembro de 1889, que derrubou a monarchia brasileira, e fazendo-o acompanhar das respostas offerecidas às poucas constestações que suscitou:

1º Expurgal-o de incorreções que escaparam na primeira impressão apressadamente concluída, juntando-lhe em confirmação notas extrahidas de documentos vindos posteriormente ao meu conhecimento.

2º Facilitar a realisação do intuito principal a que elle se propunha, isto é, habilitar meus concidadãos a julgarem com perfeito conhecimento de causa o procedimento do governo, n'aquelle dia deposto pela força publica amotinada.

[...]

Tanto é necessario para que justiça inteira se faça a vencedores e vencidos. (OURO PRETO, 1891, p. 1-2)

No trecho acima, o Visconde revela que o seu manifesto tinha o propósito de trazer ao conhecimento de seus concidadãos o que realmente aconteceu, segundo ele, no dia em que a República foi proclamada no Brasil. Ele tem um público-alvo: seus concidadãos. Quem seriam esses concidadãos? Para o Visconde, seus concidadãos corresponderiam àqueles que partilhavam de seus ideais, concordavam com suas colocações. Nesse sentido, a leitura dirige-se “aos concidadãos do Visconde” - aqueles que participariam da sua mesma



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

comunidade interpretativa³, no sentido de Santos (2007). Seus concidadãos não seriam apenas aqueles indivíduos que têm a mesma cidadania ou que são naturais de uma mesma localidade, mas sim, aqueles a quem o Visconde pretende deixar uma memória de um período marcante na história do país. Visconde preocupa-se com a versão dos fatos de seus adversários sobre a proclamação da República no Brasil e, por isso, ocupa-se em contextualizar seu manifesto escrevendo sobre alguns aspectos ausentes na primeira impressão e que parecem ser importantes para o entendimento de sua escrita. Ele pretende se colocar de maneira mais engajada como enunciador do seu texto.

Com relação a esse público-alvo, é possível compará-lo ao leitor-modelo, de Eco (1994), o qual se caracteriza como uma espécie de tipo ideal que o texto prevê como um colaborador e ainda procura criar. Esse leitor-modelo que para o Visconde é o “seu concidadão (leitor)”, é o sustentáculo para a estratégia de interpretação de seu texto, o qual desfruta da liberdade concedida pelo texto. “Quem determina, portanto as regras do jogo e as limitações? Em outras palavras, quem constrói o leitor-modelo?” (ECO, 1994, p. 17) Na outra margem, temos o autor-modelo, o Visconde de Ouro Preto, que caracteriza a voz que nos fala imperiosamente de suas experiências e reminiscências e deseja que o leitor-modelo esteja ao seu lado. Segundo Eco (1994, p. 21), “essa voz se manifesta como uma estratégia narrativa, um conjunto de instruções que nos são dadas passo a passo e que devemos seguir quando decidimos agir como leitor-modelo.”

Cabe observar também que esse leitor-modelo é alguém ansioso para jogar. O Visconde, portanto, já se revela aos leitores a partir da primeira página, oferecendo-lhes ordens sobre as emoções que devem sentir diante dos acontecimentos que ele se propõe a narrar. Observamos, portanto, que, segundo Iser (1979), no jogo encenado pelo texto, o leitor não apenas observa, mas participa desse acontecimento, envolvendo-se diretamente nele, pois essa atuação pode ser cumprida individualmente por cada leitor, que, por sua vez, fornece um ‘suplemento’ individual, o qual é considerado o significado do texto.

³ Comunidade interpretativa, na perspectiva de Boaventura de Souza Santos (2007), fundamenta-se num novo senso comum ético para a construção de um novo paradigma, proporcionando uma compreensão mais ampla do que seria atingido individualmente por um único intérprete.



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

Na parte II, o Visconde narra o seu embarque, no dia 19 de novembro de 1889, para o exílio em Hamburgo. Para confirmar esse fato, o Visconde insere uma citação⁴ de uma notícia, retirada do jornal *O Paiz*, de 4 de dezembro de 1889, que informava sobre a deportação do Visconde.

DEPORTAÇÃO

Attendendo a razões de ordem publica do mais elevado character, deliberou o governo provisorio que tivessem residencia obrigada na Europa, durante algum tempo, os dois eminentes chefes politicos Sñrs Gaspar Silveira Martins e Visconde de Ouro-Preto.

[...]

A gloriosa revolução consumou-se de modo tão auspicioso e brilhante, que por lamentavel que seja o constrangimento imposto aos dois eminentes cidadãos, devemos reconhecer que acima de tudo devem ser collocadas a paz publica e a conservação da ordem. (OURO PRETO, 1891, p. 2-3)

Em seguida, o Visconde faz uma crítica à notícia, afirmando que não havia motivos para que ele fosse deportado e ainda afirma que “maiores surpresas, porem, me estavam reservadas pela justiça summaria da dictadura, que se organizou para restaurar a liberdade da minha pátria.” (OURO PRETO, 1891, p. 3) Ele potencialmente reitera uma vitimização que sofre por meio da ascensão do regime republicano, do qual ele é contrário, pois custou o seu afastamento de “sua pátria”.

Na parte III, o Visconde nos diz sobre as condições em que escreveu o *Manifesto*. Segundo ele, por estar doente, a conselho do médico, teve que aportar em Santa Cruz de Tenerife, entre 3 a 10 de dezembro, indo posteriormente para Lisboa. Devido ao fato de estar em espera de melhora de saúde no porto, escrevera o *Manifesto* no Jornal *Commercio de Portugal* e o publicara na capital portuguesa. Ele nos diz que, naquele porto, havia adversários que observavam as suas condutas, para denunciar quaisquer tramas do deportado. Por isso, diversos telegramas inverídicos e malévolos, segundo o Visconde, foram expedidos para o RJ tendo por objetivo denunciar seus atos, pensamentos e palavras do Visconde. Dentre esses telegramas, circulou um, que foi escrito pelo ministro da fazenda Ruy Barboza. Tal telegrama

⁴ Para Marcuschi (2008, p. 133), essa atitude de incorporar um texto a outro, “pode-se dizer que se trata do problema da presença de discursos “outros” num dado discurso que vem de outras fontes enunciativas identificáveis ou não [...]”



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

foi publicado no jornal *Século*, que é citado no texto, dizendo que o *Manifesto* foi censurado pelo Imperador, sendo um documento indigno.

Quero, apenas, que os meus concidadãos apreciem os gratuitos insultos contra mim lançados pelo ministro da fazenda e que cotejem o telegramma destinado ao Século, com o que foi inserido no Jornal do Commercio de 21 de dezembro e vae em nota (1). (OURO PRETO, 1891, p. 5, grifo meu)

No trecho em destaque, o Visconde refere-se às humilhações que diz ter sofrido por meio de textos publicados em jornais da época e ainda dirige-se aos seus concidadãos para apreciarem os insultos que recebeu e ainda para cotejarem os telegramas. Em seguida, o Visconde apresenta, em nota, o outro telegrama, publicado no jornal *Commercio de Portugal*, que deve ser cotejado com o anterior. Isso, segundo o Visconde, para que o leitor perceba os insultos que recebeu. Trata-se do telegrama de 18 de dezembro, escrito pelo ministro Ruy Barboza, em duas edições. Esse comportamento do Visconde relaciona-se com o que Iser (1979, p. 116) afirma ao considerar que “quanto mais o leitor é atraído pelos procedimentos a jogar os jogos do texto, tanto mais é ele também jogado *pelo* texto”. Desse modo, novas linhas de jogo vão surgindo assegurando determinados papéis ao leitor, e o jogo espera claramente essa presença do receptor como uma de suas partes componentes. Logo, o jogo do texto configura-se numa espécie de performance, que se encena para o leitor, destinada a um auditório criado pelo autor. Essa interação não se apresenta no texto em si, mas só tem existência através do processo de leitura.

Na parte IV, o Visconde apresenta um texto escrito por ele, em Lisboa a 12 de janeiro de 1890, protestando contra os insultos atribuídos a ele e aos seus companheiros. Em meio aos procedimentos emotivos, ele busca apresentar uma imagem de patriota, que tem a honra de ser brasileiro. Segundo ele,

Confirmo o solemne protesto que então lavrei em meu nome e no de meu irmão, e estou certo de que os nossos concidadãos hão de acolhel-o, e secundal-o, pois a todos os corações brasileiros revoltará a injustiça de qualificar-se como inimigos da patria aquelles que sempre se desvelaram, até o sacrificio, pelo seu engrandecimento e prosperidade. (OURO PRETO, 1891, p. 9, grifo meu)

O Visconde aposta que a leitura de seu protesto surtirá os efeitos que pretende que é da revolta dos brasileiros diante do novo regime político. É como se os leitores tivessem que



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

fazer a mesma leitura da leitura que ele faz dos textos que apresenta. Para Eco (1994, p. 16), “naturalmente, o autor dispõe de sinais de gêneros específicos que pode usar a fim de orientar seu leitor-modelo, mas com frequências esses sinais podem ser muito ambíguos.” O Visconde deseja uma comunhão de dados a partir de um texto que não só se ancora numa realidade específica, mas coloca em cena redes de artifícios persuasivos que condicionam o movimento da leitura.

Na parte V, o Visconde discorre sobre a questão de uma revolta do exército no Brasil e sobre a missão expedicionária para o estado do Mato Grosso comandada pelo general Deodoro da Fonseca. No fim dessa parte, Visconde escreve em um tom profético acerca desse episódio:

Si me fora licito dar conselhos aos que se incumbem de explicar a attitude assumida pelo exercito no dia 15 de novembro, dir-lhes-ia, por amor da propria corporação, que attribuissem-lhes outros moveis e outros intuitos, que não os até agora manifestados. Esses não podem calar na consciencia nacional. (OURO PRETO, 1891, p. 15)

O Visconde vai criando uma teia argumentativa de modo a persuadir o seu leitor de suas concepções acerca dos acontecimentos em um tom profético. O jogo que o Visconde propõe é de que ele mantém o controle da situação e das palavras e que busca a conduzir, guiar o jogo e seus “adversários”, os leitores. O seu texto baseia-se em citações de outros textos que, segundo diz, apresentam calúnias contra ele e contra os quais [os textos] procura argumentar a transparência de sua idoneidade. Seu texto revela uma posição de autodefesa, assim como os jogadores se comportam num jogo.

O que o sujeito procura é se defender das agressões, das ameaças que surgem durante um jogo. As citações que o Visconde apresenta como os textos publicados contra sua imagem são os obstáculos que ele enfrenta no percurso do jogo, assim como as barreiras que enfrentamos quando estamos jogando. Podemos comparar a escrita do Visconde a um jogo de futebol, em que os adversários são os políticos que escrevem contra ele e que o objetivo do Visconde é se defender e atingir seu objeto – o leitor – assim como os jogadores autodefendem para chegar ao objetivo final – o gol, driblando as situações que vão surgindo. A diferença é que, para o Visconde, ele procura ser o próprio juiz que comanda as regras do jogo e conduz os seus leitores à uma produção de sentido de seu texto determinada pelas



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

regras que ele [o Visconde] busca infundir. Trata-se, pois, de um modelo estratégico de leitura em que o leitor-concidadão não só interage, mas é colaborador do texto, comportando-se como um coenunciador.

O texto do Visconde também apresenta sempre uma intertextualidade, pois a construção de sua narrativa vai sendo amarrada por diversas publicações que ora elucidam, ora corroboram, ora ilustram sua argumentação. Seu texto constitui-se de retomadas a outros textos, como veremos na seguinte passagem: “Para maior edificação dos leitores transladarei litteralmente a nova razão invocada em abono da revolta.” (OURO PRETO, 1891, p. 11) A esse respeito, Orlandi (2009) considera que existem relações de sentidos estabelecidas entre o que um texto diz e o que os outros textos dizem. Tais relações atestam a intertextualidade⁵, ou seja, a relação de um texto com outros, pois o(s) sentidos(s) de um texto passa(m) pela sua relação de interpelação de uns com os outros.

Na parte VI, o Visconde cita uma epígrafe publicada nos jornais brasileiros de 31 de dezembro de 1889, cujo conteúdo consistia em uma crítica ao ministério 7 de junho, então presidido por ele mesmo. A epígrafe diz, sobretudo, que a República, no Brasil, chegou a tempo de evitar uma catástrofe financeira. Em seguida, o Visconde faz um comentário dessa epígrafe, em defesa da Monarquia. Referindo-se ao ministro da fazenda, dizendo: “Quiz provar que a republica só encontrara dificuldades financeiras; conseguiu apenas demonstrar que o imperio legou-lhe, pelo contrario, situação prospera e segura.” (OURO PRETO, 1891, p. 16) Vemos aqui que o Visconde é um sujeito centralizado em sua referencialidade absoluta ao regime monárquico, por meio de arranjos discursivos elegidos de acordo com o que ele deseja que o seu leitor conheça. É como se ele demonstrasse um desejo de compartilhar algo definido com seu leitor-concidadão. A esse respeito, podemos citar Marcuschi (2008) o qual considera que, com base na intencionalidade do autor, costuma-se dizer que um ato de fala, um enunciado, um texto são produzidos com um objetivo, uma finalidade que deve ser captada pelo leitor.

⁵ Cavalcante (2007, p. 125-126) considera que “todo texto é um tecido novo de citações passadas. Outros textos sempre estarão presentes, em níveis variáveis, como formas mais ou menos reconhecíveis, em um texto que nos seja atual. A permuta entre textos que existiram e existem é condição de todo e qualquer texto. Há sempre linguagem antes do texto e depois dele. E, assim sendo, todo texto é, necessariamente, um intertexto.”



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

Na parte VII, poderíamos intitulá-la de acerto de contas. O Visconde mostra, com os próprios dados de um relatório sobre as finanças do Brasil, que a República encontrou o tesouro nacional em boa situação. A partir disso, ele apresenta uma somatória (em contos de réis) em uma espécie de relatório que apresenta os gastos que teve em seu ministério. Ao fim, o Visconde lança a uma nota de rodapé relatando que a *Gazeta de Notícias*, de 6 de janeiro, adiciona alguns contos à despesa mostrada pelo Visconde. Posteriormente, ele detalha os gastos e nos apresenta outra soma de recursos relativos a socorros prestados de 15 de novembro de 1888 a 30 de junho de 1889. Ele também apresenta a quantia a que podia dispor o governo provisório, entretanto, diz que muitos dados foram omitidos do relatório para dizer que a monarquia amontoava ruínas, isto é, prejuízos financeiros. Para o Visconde, as finanças do império foram sempre modelo de ordem, prudência e sabedoria. Ele age como se fosse uma auditoria carregada pela insinuação de que ele teria roubado. Desse modo, ele tenta demonstrar que gastou bem menos do que está sendo apresentado no relatório.

Na parte VIII, o Visconde relata que o ministro da fazenda Ruy Barbosa buscou inculcar, entre a população, frases de efeito impressionista contra o regime decaído, escrevendo “avantaja-se a um milhar de contos de reis o debito nacional, que nos deixou em herança a monarchia!” (OURO PRETO, 1891, p. 22). Visconde diz que o débito do Brasil é considerável, entretanto, maior é o patrimônio do estado. Vemos implícito, sempre, a defesa da monarquia feita pelo Visconde. Ele comenta sobre a situação financeira da França, da República Argentina e da Grã Bretanha e insere uma nota de rodapé descrevendo a receita e a dívida de cada uma. O Visconde faz isso para convencer o leitor de que a dívida do Brasil (deixada pela monarquia) não seria tão grande assim, pois até as nações mais adiantadas e prósperas, como as arroladas, possuíam dívidas. Ele nos diz que o débito brasileiro é grande sim, porém deve-se aos gastos de força maior como a Guerra do Paraguai e afirma: “apesar d’esse debito, ainda é o brasileiro um dos povos menos sobrecarregados de impostos.” (OURO PRETO, 1891, p. 23) A partir daí, o Visconde passa à crítica aos panfletistas e à defesa da monarquia novamente.

Oxalá possam fazer tanto os que além de derrubar-o para sobre seus destroços erguer a dictadura militar, tentam arrastal-o pelas gemonias da história! Mas tentam em



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

vão. VERITAS SUPER OMNIA⁶. Na consciencia universal há de erguer-se um brado poderoso contra a justiça postergada. (OURO PRETO, 1891, p. 23-24)

Observamos, nessa passagem, alguns aspectos interessantes. Visconde defende veementemente o regime monárquico e ao final, quer mostrar ao seu leitor que ele detém a veracidade dos fatos. Para ele, a Monarquia foi um governo que trouxe prosperidade para o Brasil e que a República não conseguirá manter o país firme. Ele afirma considerar a verdade acima de tudo, refutando o que os jornais publicaram, em 31 de dezembro de 1889, sobre a situação financeira caótica deixada pela monarquia. O Visconde discorda completamente dos dados e apresenta outros relatórios e cálculos para dar crédito ao que ele afirma sobre a situação financeira do Brasil.

Na parte IX, o Visconde inicia o texto colocando-se como vítima da imprensa do governo provisório e de seus simpatizantes. Dessa situação, o Visconde escreveu uma reclamação – em Lisboa, em 26 de fevereiro de 1890 e publicada no *Jornal do Commercio* de 16 de março de 1890 – e a reproduziu em seguida. Nessa reclamação, ele se queixa com o jornal *Commercio de Portugal* em que, segundo ele, foram transcritos artigos publicados na *Gazeta de Portugal* atribuindo-lhe falsamente a autoria. Visconde diz que não estranha que procurem especular seu nome por todos os meios e modos, e ressalta que nada escreveu e que nada escreveria acerca do Brasil sem a sua assinatura e plena responsabilidade. Ele diz abster-se de enunciar juízos sobre os negócios brasileiros e se defende: “Não ha, pois, maior injustiça e nem magoa-me tanto nenhuma como a de que estou occupando.” (OURO PRETO, 1891, p. 26) Visconde insiste em posicionar-se como vítima, mostrando ao seu leitor a injustiça pela qual foi submetido.

Tanto a imprensa do governo provisório, como os que intentem captar-lhe as boas graças, não cessam de responsabilisar os exilados por tudo quanto de desagradavel se passa na Europa, relativamente à nova situação do Brazil.

São elles que transmittem noticias prejudiciaes á republica, são elles que escrevem artigos desfavoraveis e por seus manejos promovem a baixa dos fundos, a queda do cambio, e o retrahimento dos capitaes. Em uma palavra, os exilados agiram-se em indefesa conspiração, sendo *o mais culpado o chefe do ministerio deposto a 15 de novembro*. (OURO PRETO, 1891, p. 24)

Na parte X, o Visconde diz:

⁶ A verdade acima de tudo.



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

“Algumas palavras mais de interesse puramente pessoal: escrevo o meu testamento político. A forçada ausencia do meu paiz e o aniquilamento da minha posição, não me preservam das agressões de alguns adversários, que não cessam de procurar ferir-me no meu character publico e privado. Ultimamente e em falta de novos assumptos occuparam-se dos meus haveres.” (OURO PRETO, 1891, p. 27)

O Visconde reforça a questão de lastimar-se como vítima. Ele também nos diz que, em um determinado artigo de jornal, teria sido acusado de gastar 42.000 contos de réis do dinheiro público para vencer as eleições e, noutro jornal, noticiou-se que ele estava lutando com dificuldades para sobreviver na Europa, pois havia consumido os recursos que trouxera. Ou seja, novamente ele se defende da acusação de malversação e de extravio do dinheiro público, buscando captar o seu leitor por meio de um encadeamento discursivo de autodefesa.

III No campo, o Visconde em jogo

Consideramos que o jogo textual, no texto do Visconde, está justamente no fato de ele, o tempo todo incorporar à sua escrita documentos e citações, defender-se como vítima de injustiças, hostilidades, calúnias e sempre colocar-se como uma pessoa íntegra, sem culpa do que é acusado e ainda acrescentar notas de rodapé e citações para corroborar sua fala. Ele procura “manipular” o seu leitor de modo que possa acreditar em suas palavras e que tudo que é publicado a seu respeito é inverídico ou imoral. O Visconde procura convencer e comover seu leitor-concidadão de que não está passando por dificuldades, apesar de exilado, buscando se aproximar do leitor através de estratégias emotivas. Por exemplo, na citação abaixo, ele frisa que um homem público deve possuir uma vida pública transparente.

Não lhes sirva de embaraço, por generoso escrupulo, a noticia de que estou luctando com difficuldades para subsistir, pois cumpre-me informal-os, visto que o homem publico deve habitar em casa de vidro, que não é isso exacto.” (OURO PRETO, 1891, p. 28, grifo meu)

Visconde ainda diz que não se acostumou a viver à custa alheia e relata não afligir-se com os comentários desta ordem.



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

Para Orlandi (2008, p. 50), “o texto deriva de sua relação com as condições de produção, ou seja, da relação com a situação e com os interlocutores.” Isso equivale dizer que o Visconde além de ser um monarquista convicto, com posições a defender, foi percebido como sendo o símbolo monarquista a ser demolido, derrotado.

Qual é o jogo que o Visconde propõe ao escrever sobre suas calúnias e citar as publicações que falam dele? Segundo Mari & Mendes (2005, p. 171), “ler um texto, em qualquer circunstância, significa submeter-se a um conjunto de convenções que possibilitaram a sua construção”. No caso em análise, o Visconde projeta um leitor que concordará com suas colocações e acreditará na verdade de suas palavras.

Iser (1979) também considera quatro estratégias que caracterizam o jogo: *Agon*, *Alea*, *Mimicry* e *Ilinx*. *Agon* envolve uma luta ou um debate, no qual o leitor precisa tomar uma decisão; *Alea* é um padrão de jogo fundamentado na sorte e na imprevisibilidade por meio da subversão da semântica familiar, frustrando as expectativas guiadas pela convenção do leitor; *Mimicry* baseia-se na ilusão observada no texto e *Ilinx* fundamenta-se na subversão, recortes, cancelamentos ou carnavalização de várias posições, como se fossem lançadas umas contra as outras. Para o autor, todos esses traços estruturais proporcionam uma amarração sobre o jogo. Com relação a esse aspecto, o Visconde parece utilizar, fundamentalmente, o *Ilinx*, pois ele traz a voz de outros sujeitos, contrapondo seus pontos de vista aos desses outros, sobretudo quando se sente caluniado pelos seus adversários políticos em diversos jornais. É possível que o *Agon* também seja uma estratégia do Visconde, na medida em que ele trava um debate com seu leitor, o qual precisa tomar a decisão de entrar ou não em seu jogo que visa convencer o outro de sua competência política. O Visconde investe nesse relacionamento com seu leitor-concidadão, pois “o sentido não está no leitor, nem no texto, nem no autor, mas se dá como um efeito das relações entre eles e das atividades desenvolvidas” (MARCUSCHI, 2008, p. 242).

Observando, sobretudo, as colocações de Iser (1979) sobre o jogo do texto, as considerações sobre leitura, bem como a articulação textual realizada pelo Visconde na *Introdução* de seu livro, esboçamos brevemente um quadro comparativo entre o jogo e a leitura, a partir do que discutimos até agora:

QUADRO 1

www.uems.br/lem



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
 ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
 ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

Relações entre Jogo e Leitura

	Jogo	Leitura
Sujeitos envolvidos	Pressupõe, no mínimo, dois jogadores.	Pressupõe dois sujeitos: autor e leitor.
Regras	Possui regras determinadas que definem o andamento e comportamento no jogo.	Possui regras determinadas pelo autor, as quais conduzem o leitor a se comportar diferentemente no processo de leitura.
Resultado da interação	A vitória consiste em obter mais pontos que o adversário.	A vitória consiste em conseguir estabelecer o significado do texto.
Interatividade	Jogador 1-jogador 2- objeto	Autor-texto-leitor
Imprevisibilidade	No resultado do jogo.	A imprevisibilidade consiste no grau de atribuição de significado do texto realizado pelo leitor.

Desse quadro, traçamos como o Visconde constrói seu texto:

QUADRO 2
 Relações entre Leitura e o Jogo do Texto pelo Visconde

	Leitura	O jogo do texto pelo Visconde
Sujeitos envolvidos	Pressupõe dois sujeitos: autor e leitor.	Autor: Visconde de Ouro Preto Leitor: leitor-concidadão
Regras	Possui regras determinadas pelo autor, as quais conduzem o leitor a se comportar diferentemente no processo de leitura.	O Visconde busca conduzir o seu leitor a crer na verdade daquilo que diz e ainda analisar e cotejar citações de outrem que solidifiquem as suas afirmações.
Resultado da interação	A vitória consiste em conseguir estabelecer o significado do texto.	A vitória, para o Visconde, parece consistir na crença de que o seu leitor-concidadão estabeleça o significado de seu texto que gira em torno de ideais antirrepublicanos.
Interatividade	Autor-texto-leitor	Visconde - leitor-concidadão
Imprevisibilidade	A imprevisibilidade consiste no grau de atribuição de significado do texto realizado pelo leitor.	A imprevisibilidade consiste na condição de que esse leitor-concidadão corresponderá às expectativas do Visconde em maior ou menor grau, ou seja, seu leitor-concidadão acreditará ou não em suas colocações.

Conclusão



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

Ao longo deste texto, procuramos refletir sobre o processo de leitura a partir do “jogo do texto” formulado por Iser (1979) e sua contribuição para compreendermos o livro *Advento da Dictadura Militar no Brazil*, de Visconde de Ouro Preto (1891), em especial, a sua *Introdução*. A partir da reflexão apresentada, percebemos que o Visconde utiliza-se de estratégias, como inserir notas de rodapé e citações, evocando o seu leitor-concidadão, convidando-o a participar da veracidade de seu texto sobre os acontecimentos da Proclamação da República no Brasil. Ele compõe um mundo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a instigar o leitor a imaginá-lo e, por fim, interpretá-lo. Um mundo textual concebido como se fosse realidade. Para Marcuschi (2008), um texto é uma proposta de sentido e ele só se completa com a participação de seu leitor/ouvinte. O autor cria uma imagem de seu leitor-concidadão e reconhece sua existência enquanto uma materialidade que contribuirá para o processo de atribuição de sentido de sua obra. Desse modo, o jogo não precisa retratar nada exterior a si, mas permitir que a inter-relação autor-texto-leitor seja engendrada como uma dinâmica que conduz a um resultado final: o significado do texto, cujo leitor está à caça de sentido.



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

Referências bibliográficas

BARTHES, R. Leitura. In: _____. *O grau zero da escritura seguido de novos ensaios críticos*. Trad. M. Laranjeiras. São Paulo: Martins Fontes, 2004. P. 184-205.

CAVALCANTE, SANDRA M. S. Dimensões sociocognitivas do fenômeno da intertextualidade. In: Hugo Mari, Ivete Walty, Maria Nazareth Fonseca. (Org.). *Ensaio sobre Leitura 2*. 1 ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2007, v. 2, p. 124-148.

ECO, H. Entrando no bosque. In: _____. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Trad. Hildegard Feist. Rio: Companhia das Letras, 1994. p. 7-31.

ISER, W. *O jogo do texto*. In: JAUSS, Hans Robert *et al.* *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.105-118.

JAUSS, H. R. A Estética da Recepção: colocações gerais. In: JAUSS, Hans Robert *et al.* *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 67-83.

MAINGUENEAU, D. A Leitura como Enunciação. In: *Elementos de lingüística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p.31-59.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARI, H; MENDES, P. H. A. M. Processos de leitura: fator textual. In: MARI, Hugo; WALTY, Ivete; VERSIANI, Zélia. (Org.). *Ensaio sobre leitura*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2005, v. 1, p. 155-182.

NUNES, B. Ética e Leitura. In: BARZOTTO, V. H. (Org.). *Estado de Leitura*. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil, 1999. p. 193-205.

ORLANDI, E. P *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. A produção da leitura e suas condições. In: BARZOTTO (org.). *Estado de leitura*. 2 ed. São Paulo: Mercado das Letras, 2009. p. 47-59.

OURO PRETO, V. de. Introdução. In: _____. *O Advento da Dictadura Militar no Brazil*. Paris: Imprimerie F Pichon, 1891. p. 1-29. Obra fac-similada.

SANTOS, B. de. S. *A crítica da razão indolente – contra o desperdício da experiência*. 6ed. São Paulo: Cortez, 2007.